

DOIS IRMÃOS: ROMANCE E HQ EM SALA DE AULA

ADRIELI APARECIDA SVINAR OLIVEIRA*

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras),
Dourados, MS, Brasil.

CHRISTIANE SILVEIRA BATISTA**


Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras),
Dourados, MS, Brasil.


Recebido em: 18 set. 2019. Aprovado em: 19 nov. 2019.

Como citar este artigo: OLIVEIRA, A. A. S.; BATISTA, C. S. *Dois irmãos: romance e HQ em sala de aula. Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 20, n. 3, p. 168-183, set./dez. 2020. doi: 10.5935/cadernosletras.v20n3p168-183

Resumo

Diante da necessidade de discutir as mídias e as novas maneiras de pensar a literatura, o presente artigo sugere, a partir da obra literária *Dois irmãos*, de

* E-mail: adrieli_svinar@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-5536-6208>

** E-mail: christianebatista@ufgd.edu.br
 <https://orcid.org/0000-0002-1133-2188>

Milton Hatoum (2000), e de sua adaptação homônima em HQ, de Fábio Moon e Gabriel Bá (2015), uma reflexão sobre as adaptações (HUTCHEON, 2011) e seu uso em sala de aula, embasadas, principalmente, no método recepcional (BORDINI; AGUIAR, 1988) e no letramento literário de Magda Soares (2006) e Rildo Cosson (2009). Além disso, almeja-se destacar a relevância do trabalho do professor como um mediador capaz de compreender e utilizar os novos suportes midiáticos no ensino básico.

Palavras-chave

Adaptação. Método recepcional. Letramento literário.

INTRODUÇÃO

Dois irmãos, de Milton Hatoum (2000), faz parte do grupo de narrativas publicadas a partir dos anos 1980 que se encaixam no chamado romance histórico, cujas obras adotaram o discurso da revisão de fatos e de personagens da história dita oficial. A maior parte do romance, objeto de reflexão deste texto, é ambientado em Manaus e tem a casa da família descendente de libaneses formada por Zana (mãe), Halim (pai), Yaqub e Omar (gêmeos) e Rânia (filha) como centro dos conflitos. Nele, exploram-se as intrigas que envolvem os personagens gêmeos, Yaqub e Omar. O primeiro foi enviado ao Líbano ainda menino, enquanto o segundo, por ser considerado mais frágil pela mãe, continuou com os pais.

A narrativa inicia-se com a chegada de Yaqub do Líbano, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Os dois irmãos possuem personalidades opostas: Omar, o beerrão, expulso do colégio, permanece em Manaus (isolada no tempo e no espaço, convivendo com o apogeu e a decadência do ciclo da borracha) a maior parte da vida. Yaqub, o progressista, vai para São Paulo (símbolo de modernização) e torna-se engenheiro. Os traços históricos distribuídos ao longo do romance e que fazem referência à ditadura militar ficam ainda mais evidentes com a morte do personagem Laval, poeta e professor de literatura de Omar, arrastado em praça pública em dias posteriores ao golpe militar de 1964.

Em 2015, Fábio Moon e Gabriel Bá publicaram *Dois irmãos*, adaptação do romance de Milton Hatoum para o gênero história em quadrinhos (HQ).

Coincidentemente, os adaptadores também são irmãos gêmeos, além de quadrinistas premiados no mercado brasileiro e no internacional, com obras publicadas em doze idiomas. *O alienista*, adaptação do clássico de Machado de Assis, rendeu-lhes o Prêmio Jabuti em 2008. Seu último livro, *Daytripper* (2011), ocupou a lista de primeiro lugar dos mais vendidos do *New York Times*; foi escolhido como uma das melhores *Graphic Novels* de 2011 pela revista *Publishers Weekly* e pela *Amazon*; ganhou os prêmios Eisner Award Harvey Award (Estados Unidos) e o Eagle Award (Reino Unido); além de ter participado em festivais famosos da França.

Da mesma forma que acontece no romance, o enfoque dessa HQ está nos personagens gêmeos e nos conflitos vividos por eles desde a infância. A leveza da adaptação em quadrinhos evidencia-se na maneira como são caracterizados os personagens, em cenas que projetam a mudança da cidade de Manaus e, por consequência, a decadência da família libanesa, ressaltando a degradação da casa da família, os sentimentos de vingança e de ódio, a exclusão e a luta por reconhecimento daqueles que são marginalizados e perderam seus direitos. Os autores usam preto e branco na obra toda e aplicam o uso estético de sombra e luz nos momentos mais tensos da narrativa, o que confere forte dramaticidade às cenas adaptadas.

A escolha da narrativa de Milton Hatoum como base para realização desta atividade se justifica pelo fato de o romance fazer parte das obras indicadas pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), acervo de 2009. Considerando que o livro foi distribuído na rede pública de ensino brasileira, pressupõe-se maior possibilidade de acesso a ele, tanto pelos professores quanto pelos estudantes. Por seu turno, a leitura da adaptação em HQ, ainda que não tenha sido distribuída gratuitamente pelo PNBE, deve ser incluída, pois hoje:

Vê-se [...] outra relação entre quadrinhos e educação [...]. A presença deles nas provas de vestibular, a sua inclusão no PCN (Parâmetro Curricular Nacional) e a distribuição de obras no ensino fundamental (por meio do Programa Nacional Biblioteca da Escola) levaram obrigatoriamente a linguagem dos quadrinhos para dentro da escola e para a realidade pedagógica do professor (RAMOS, 2016, p. 13).

Sobre o PNBE, ele foi instituído em 1997 pelo Ministério da Educação (MEC) visando garantir o acesso à literatura e à democratização da cultura

nas escolas públicas. Infelizmente, foi suspenso em 2015, porém, durante os anos de vigência, contribuiu para o processo de proporcionar uma formação humana e mais completa no ensino público, ampliando o conceito de literatura, já que incentivou a inserção de livros de imagem, HQs e textos que geralmente são desconsiderados pela crítica elitista, como as adaptações, os textos da tradição oral – lendas, parlendas, mitos e adivinhas –, além de biografias e relatos de experiências (FERNANDES, 2017). Essa postura corrobora o ideal de leitura como um bem ao qual todos têm direito e como essencial para a formação plena do cidadão.

Antonio Candido (2004, p. 175), em “O direito à literatura”, salientou que não há indivíduo capaz de viver sem o contato com a fabulação. Desse modo, a literatura é “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente”. Seja como forma de expressão, seja de conhecimento, a literatura surge como resposta a essa necessidade, configurando um bem incompressível, tal qual moradia, vestuário, alimentação, saúde e instrução. Logo, ela auxilia no conhecimento do mundo e do ser, sugerindo maneiras de o indivíduo organizar a experiência e o caos da existência. Por meio dela, o sujeito torna-se mais aberto a seus semelhantes e mais compreensivo com eles.

Destarte, especialmente na situação de sala de aula, é extremamente importante que o professor tome conhecimento da reflexão acerca do acesso à literatura e da afirmação de que ela constitui um direito de seu aluno. Certamente, quando o professor assume o compromisso de estimular a circulação de textos na escola, sem taxar seu aluno de leitor experiente ou inexperiente, e apenas o coloca em contato com o universo ficcional, está colaborando para o crescimento de seus alunos. É primordial, então, que o professor, como leitor assíduo que deve ser, compreenda a literatura como necessidade de todo ser humano e não subestime a capacidade de seus alunos de apreciá-la como objeto estético.

Pensando nisso, este artigo discorre sobre a adaptação como uma obra independente e um novo produto, embasado por Linda Hutcheon (2011), e aponta uma proposta de aplicação didática tendo como parâmetro o método recepcional explanado por Bordini e Aguiar (1988), o qual se divide nas seguintes etapas: determinação do horizonte de expectativa; atendimento ao horizonte de expectativa; ruptura do horizonte de expectativa; questionamento do

horizonte de expectativa; e ampliação do horizonte de expectativa. A sugestão de aplicação do método ocorre a partir das obras apresentadas anteriormente, *Dois irmãos*, de Milton Hatoum (2000), e sua adaptação homônima de Fábio Moon e Gabriel Bá (2015).

HQ: A ADAPTAÇÃO COMO (RE)CRIAÇÃO

No atual cenário, que envolve as tecnologias e as mídias contemporâneas, os bens culturais passam por um processo de democratização em que os leitores começam a se modificar. Canclini (2008) destaca que o leitor contemporâneo não é mais aquele somente do livro de papel, mas também de outras mídias. Assim, é imprescindível que ele entre em contato com letramentos diferentes para navegar nos sistemas sógnicos atuais das artes. Diante dessa realidade, mais rápida e imagética, faz-se necessário pensar o gênero HQ como algo frequentado por esse público e que, portanto, merece espaço na sala de aula.

Contextualizando brevemente, a fama dos quadrinhos iniciou-se nos Estados Unidos e deu-se entre as décadas de 1930 e 1940. Foi no contexto da Primeira Guerra Mundial que o gênero teve seu *boom* por meio da popularização das narrativas de super-heróis e em consequência do mercado editorial de quadrinhos, fortemente influenciado pelo contexto histórico do momento. A primeira adaptação para os quadrinhos aconteceu na década de 1930, com a obra *Tarzan, o filho das selvas*, originalmente publicada em 1912 pelo autor Edgard Rice Burroughs, definida como o pontapé inicial para a divulgação das adaptações.

A partir disso, HQs vêm sendo cada vez mais consumidas, alcançando o cinema e aumentando seu público. Marvel e DC são exemplos típicos que contribuíram para a ampliação de círculos de leitores do gênero. No entanto, embora haja esse processo frequente de adaptação das HQs para o cinema, “quadrinhos são quadrinhos. E, como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos” (RAMOS, 2016, p. 17).

Desse modo, quando se diz que um material é uma adaptação, está anunciada sua relação com outras obras, ocorrendo um processo que promove tanto um afastamento do texto antecedente com o qual dialoga como uma aproximação a ele. Para Linda Hutcheon (2011, p. 40), a adaptação “é uma trans-

posição anunciada e extensiva de uma ou mais obras em particular. Essa transcodificação pode envolver uma mudança de mídia ou gênero, ou uma mudança de foco e, portanto, de contexto”. Nesse sentido, sempre envolve uma (re)interpretação e uma (re)criação que culminará em uma nova obra.

Sendo assim, uma adaptação não é uma mera cópia ou uma tentativa de reprodução fiel, mas sim o produto resultante do ato de adaptar, que requer uma (re)leitura do adaptador em relação a outra obra. O processo de adaptação, outrossim, não se esgota na transposição de um texto literário para um outro formato; ele pode gerar uma cadeia quase infinita de referências a outros textos, constituindo um fenômeno cultural que envolve processos dinâmicos de transferência, tradução e interpretação de significados e valores histórico-culturais. Essa noção corrobora a proposta de Roland Barthes (2004, p. 69), para quem “um texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura”.

Nessa perspectiva, mais do que uma derivação, uma adaptação para a linguagem das HQs deve ser considerada um novo produto, com características próprias do gênero, trazendo novas significações às obras que se relacionam, pois, em uma arte que une texto e imagem, como os quadrinhos, potencializa-se a capacidade de significação da obra, permitindo que haja novas possibilidades de interpretação a cada leitura. Logo, a adaptação de *Dois irmãos* para HQ, com sua diversidade de recursos, é um exemplo dessa (re)criação. Por conseguinte, o romance *Dois irmãos* e sua adaptação homônima são obras independentes, com um lugar, tempo e espaço próprios.

Haja vista a proposta de (re)criação de um novo material a cada adaptação, o ideal de fidelidade deve ser abandonado quando o professor decide escolher uma obra para trabalhar em sala de aula. Além de limitante, essa visão nega a própria natureza do texto literário, que é a possibilidade de suscitar interpretações diversas e ganhar sentidos singulares com o passar do tempo. Assim, para determinar se uma adaptação é bem-sucedida, não se deve recorrer à fidelidade como parâmetro de avaliação válido, pois essa instância ignora as diferenças essenciais entre dois ou mais meios, o que não torna uma mídia melhor que outra(s), apenas demonstra que são diferentes.

Essa questão esbarra no conceito de literatura e leitura que o educador adota: uma vez que o professor entenda o conceito de leitura como algo que vai além da decodificação, sendo uma prática social, e conheça diferentes situações de aprendizagem, terá mais facilidade em lidar com a diversidade de sua turma e de obras em diferentes suportes.

A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA ESCOLA

A literatura em sala de aula, muitas vezes, tem sido pautada no estudo sobre o estilo do autor, sua biografia e as características das escolas literárias. A experiência estética efetiva com o texto literário recebe atenção menor ou nem acontece, seja pelo fato de o livro didático, frequentemente, trazer apenas trechos da obra a ser trabalhada, por haver volumes insuficientes para a turma, seja por falta de preparo do professor para a mediação da atividade.

Magda Soares (2006), ao refletir sobre a maneira como a literatura é apropriada pela escola, aponta que o problema não está na escolarização, mas sim na sua escolarização inadequada. Isso acontece quando ela é didatizada, pedagogizada no processo de transformar o literário em escolar. É quando se buscam intenções educativas para a literatura, desencadeando o afastamento do leitor em relação à leitura, em vez de conquistá-lo e estimulá-lo. Portanto, a literatura escolarizada distorce os sentidos possíveis do literário, afastando-a do ideal que seria “aquela escolarização que conduziu eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar” (SOARES, 2006, p. 47).

Para atingir esse anseio, deve-se começar pela escolha dos textos. Se o professor é leitor e reconhece o que um texto literário é capaz de possibilitar ao aluno, encontrará maneiras de trabalhá-lo sem que haja obrigatoriedade na leitura e sem que ela seja uma punição. A prática pedagógica do professor que reconhece essas questões se tornará mais eficaz na formação do leitor literário ao possibilitar sua interação com o texto e a socialização das interpretações, já que cada leitura é única e depende de experiências individuais. Quando isso acontece, o aluno terá condições de ver que a literatura não está apenas ligada à escola, mas que dialoga com a sua realidade e está inserida no seu cotidiano. Tal constatação gera mais chances de fruição e de ampliar seu horizonte de expectativas.

O professor que trabalha em sala de aula com textos literários de gêneros diversos e na íntegra, seja um conto, uma crônica, uma HQ, traz significado à prática da leitura, desprendendo-se de recortes e conceitos presentes nos livros didáticos e fornecendo aos seus alunos o contato efetivo com a literatura. Dessa forma, ele atua como um mediador da leitura: efetua uma “leitura estimulante, reflexiva, diversificada, crítica, ensinando os alunos a usarem a leitura para viverem melhor” (FERNANDES, 2013, p. 32).

Isso posto, faz-se necessário pensar em estratégias de leitura que favoreçam o letramento literário, pois

[...] é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2009, p. 47-48).

Pensando em alternativas que explorem a escolarização da literatura de forma adequada e proporcionem momentos efetivos de letramento literário, a seguir será apresentada uma proposta de aplicação didática para alunos do ensino médio, tendo como base o método recepcional com o professor atuando como um mediador de leitura.

MÉTODO RECEPCIONAL: UMA PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA

Após analisar os pressupostos da crítica formalista e da crítica sociológica, Hans Robert Jauss (1994) evidencia que ambas as teorias lidam com a dicotomia entre história e estética na tentativa de resolvê-la, embora nenhuma tenha conseguido. Seja por dar maior ênfase ao caráter estrutural do livro, seja por valorizar apenas os condicionantes históricos, fato é que, até a primeira metade do século XX, tanto a obra quanto o escritor tiveram seus momentos de protagonismo na crítica literária. Foi pensando em resolver esse engodo que Jauss (1994) propôs uma maneira de unir esses dois aspectos em uma história da literatura baseada nos leitores.

Esse novo contexto teórico propicia o surgimento de uma outra forma de estudar literatura, denominada teoria da recepção, a qual se divide em várias teorias menores, sendo a de Jauss (1994) a mais difundida. Para Bordini e Aguiar (1988, p. 82), a recepção é entendida como “uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente”. Logo, a obra, até então tida apenas como objeto do autor/criador, passa a ser também objeto do leitor, à medida que este preenche suas lacunas no momento da leitura, em uma atitude de interação que precisa mobilizar seu imaginário.

A atitude de interação entre leitor e texto denota que ambos estão mergulhados em horizontes históricos, e, para que a comunicação aconteça, é preciso que eles se fundam no que Jauss (1994) chama de “horizontes de expectativas”, por meio dos quais autor e leitor interpretam a obra. Estes podem ser horizontes sociais, intelectuais, ideológicos, linguísticos, literários e mesmo fatores de ordem afetivas. Bordini e Aguiar (1988, p. 83) salientam que, “no ato de produção/recepção, a fusão de horizontes de expectativas do autor se traduzem no texto e as do leitor são a ele transferidas. O texto se torna o campo em que os dois horizontes podem identificar-se ou estranhar-se”. Tomando a relação entre as expectativas do leitor e a obra em si como critério de avaliação literária, um material será mais valorizado conforme possibilite a expansão do horizonte de expectativas do leitor por ir além daquilo que é conhecido por ele, usando recursos estéticos formais ou temáticos.

Vale ressaltar que uma obra só poderá contribuir para o alargamento do horizonte de expectativas do leitor se este, além de responder à provocação do texto que se distancia do seu horizonte, adotar uma postura de disponibilidade para que a obra aja por meio das estratégias textuais na veiculação de novas convenções. Assim, quanto mais leituras um indivíduo acumula, mais terá chances de modificar seus horizontes de expectativas, tendo em vista que a simples confirmação de suas expectativas torna-se monótona, e o natural é que ele se interesse por outras leituras que, de acordo com seu grau de emancipação, vão gradativamente reformulando suas exigências quanto à literatura e aos valores que norteiam sua experiência de mundo.

A aplicação do método recepcional na escola, quando se trabalha com a literatura, pressupõe uma atitude participativa do aluno ao entrar em contato com os diferentes textos, e a transformação do seu horizonte de expectativas se dá, consoante Bordini e Aguiar (1988, p. 88, grifos dos autores), por meio dos seguintes aspectos:

[...] *receptividade*, disponibilidade de aceitação do novo, do diferente, do inusitado; *concretização*; atualização das potencialidades do texto em termos de vivência imaginativa; *ruptura*, ação ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural, diante das propostas novas que a obra suscita; *questionamento*, revisão de usos, necessidades, interesses, ideias, comportamentos; *assimilação*, percepção e adoção de novos sentidos integrados ao universo vivencial do indivíduo.

Considerando os aspectos anteriores, a proposta de aplicação de atividade literária com a obra *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, e a adaptação homônima em HQ, de Fábio Moon e Gabriel Bá, seguirá cinco etapas com o objetivo de propiciar uma experiência estética efetiva com a obra e que permita alargar os horizontes dos alunos, conferindo-lhes ampliação de repertório, senso crítico e autonomia, ou seja, um letramento literário que impulsiona o leitor.

A primeira etapa da atividade é marcada pela *determinação do horizonte de expectativas* da classe. Esta vem carregada dos valores dos alunos, de suas crenças, preconceitos morais e sociais, preferências de lazer, modos de ver a vida, tudo que influencia na escolha de um livro. Esse é o momento de verificar quais são os interesses de leitura da turma, para que o professor possa pensar em estratégias para atender a esse horizonte e ao mesmo tempo ampliá-lo. A sugestão é que o professor providencie diversas HQs para que os alunos possam folhear e dizer se já leram algo do gênero, e, se sim, quais foram as obras, se gostaram etc.

No caso específico desta proposta, parte-se do princípio que haverá o interesse dos alunos, de forma geral, em relação às HQs por pertencerem mais proximamente à realidade dos adolescentes, o que justifica a escolha das obras já mencionadas.

No *atendimento ao horizonte de expectativas*, o professor, depois de debater com os alunos sobre as HQs, apresenta os dois textos que serão trabalhados: a HQ e o romance. Nessa etapa, as estratégias de ensino também deverão ser pautadas em atividades que são conhecidas pelos alunos. Deve-se salientar que, antes do início dessa atividade, é imprescindível que os alunos tenham acesso ao plano de aula do professor ou que ele exponha como será o passo a passo das leituras, para que fique claro o que eles devem fazer e aonde o professor pretende chegar com a atividade; isso é parte do processo de construir sentidos e auxilia os alunos a se organizar.

A proposta aqui é começar pela epígrafe do livro *Dois irmãos*:

A casa foi vendida com todas as lembranças
todos os móveis todos os pesadelos
todos os pecados cometidos ou em vias de cometer
a casa foi vendida com seu bater de portas
com seu vento encanado sua vista do mundo
seus imponderáveis [...] (HATOUM, 2000, p. 7).

Na oportunidade, o professor pode ler a epígrafe aos alunos e destacar que se trata de um trecho do poema “Liquidação”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1968. A parte suprimida do poema é o verso “por vinte, vinte contos”, que pode ser lida também. A partir da leitura do poema, o professor pode suscitar uma discussão a respeito dos sentidos que o texto tem para cada um, indagar sobre o título e o que ele sugere, quais sentimentos o eu lírico parece ter em relação à casa, conversar sobre o elo que os alunos possuem com suas casas, o que significa para cada um. Em seguida, realiza-se uma rápida discussão a respeito do que os alunos esperam do livro de Milton Hatoum e da adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá. É interessante que as respostas sejam anotadas para, ao fim do processo, observar se foram ou não atendidas.

Para dar seguimento à atividade, a sugestão é que a leitura da adaptação seja iniciada em sala. A escolha pela adaptação como primeira leitura se deve ao fato de ela ser uma linguagem com a qual os alunos já estão mais familiarizados e por não representar grandes dificuldades. Além disso, a leitura de quadrinhos serve como motivação da curiosidade dos alunos para posteriormente procurarem a obra da qual partiu a adaptação. Antes da leitura, o professor pode tecer breves comentários sobre a vida dos autores (do romance e da adaptação) e outras obras deles, e apresentar curiosidades, como o fato de os quadrinistas serem irmãos gêmeos, tal qual os personagens que adaptaram.

Faz-se pertinente ainda chamar a atenção para os elementos paratextuais: capa, contracapa, orelha etc. O professor pode fazer comentários acerca da representação dos irmãos na capa, que, embora idênticos, aparentam ser diferentes. Os alunos podem opinar sobre os sentidos que depreendem do uso do claro e do escuro, da divisão simétrica dos rostos (um deles com uma cicatriz), inclusive da divisão das informações da capa, como o nome dos autores gêmeos, o aspecto de rasgado ao meio.

Iniciando a obra propriamente dita, fica visível, quase instantaneamente, que toda ela será em preto e branco, o que pode ser explorado também ao longo da leitura. Não há numeração de páginas, apenas divisão dos capítulos. Tal como no romance, a adaptação não apresenta um enredo cronológico: antes do capítulo 1, algumas páginas retratam uma das cenas finais que remetem à solidão de Zana, quando, já debilitada, despede-se da casa onde criou os filhos. Aparecem imagens do porto, a igreja antiga em que frequentava as missas,

ruas vazias, folhas caindo das árvores, jogos de luz em que a casa parece imensa e vazia sem os filhos e o marido já morto, sua última fala em árabe: “Meus filhos já fizeram as pazes?”, seguida da resposta do próprio narrador: “Ninguém respondeu” (MOON; BÁ, 2015).

A sugestão é que a leitura avance em sala até terminar o capítulo 1, o qual inicia em um momento em que Yakub retorna do Líbano, viagem planejada pelo pai, acreditando ser a solução para a inimizade dos filhos. Ao longo do caminho, Yakub relembra momentos da infância com o irmão, especialmente o dia em que Omar o deixou marcado com a cicatriz no rosto, depois de ver que ele e Lívia se beijavam, já que ambos gostavam da mesma menina. Ao fim da leitura, o professor pode explorar a cena da cicatriz, pois ela se configura na marca do ódio entre irmãos. Além disso, pode chamar a atenção para a representação da casa nas páginas antes do início do capítulo 1 e, mais uma vez, da casa nesse capítulo, quando Yakub regressa.

Para a realização da próxima etapa, os alunos precisam ter finalizado a leitura da adaptação; o professor decide, dependendo do ritmo de leitura dos seus alunos, quantos dias serão necessários, se haverá outras leituras em conjunto ou se selecionará capítulos específicos para ler e discutir em classe. Passa-se, então, à terceira etapa, *ruptura do horizonte de expectativas*. Bordini e Aguiar (1988) indicam que o professor priorize atividades que abalem as certezas dos alunos em termos literários ou culturais. As autoras também recomendam que seja uma continuidade da etapa anterior, com textos que dialoguem, seja pelo tema, pelo tratamento, pela estrutura ou pela linguagem. Observa-se, entretanto, que “os demais recursos compositivos devem ser radicalmente diferentes, de modo a que o aluno ao mesmo tempo perceba estar ingressando num campo desconhecido, mas também não se sinta inseguro demais e rejeite a experiência (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 89).

Para dar sequência, a sugestão, novamente, é iniciar a leitura em sala: agora a do romance de Milton Hatoum. A ruptura se dá aqui por sua elaboração estética e pela poeticidade da linguagem. Pela extensão do texto, o professor pode combinar com a turma de fazer intervalos de leitura em que haja uma conversa coletiva sobre os aspectos que mais chamaram atenção até o momento. Faz-se oportuno solicitar que os alunos façam anotações e marquem páginas durante a leitura para compartilhar em data combinada.

A fase seguinte é o *questionamento do horizonte de expectativas*. Baseia-se nas duas etapas anteriores; é o momento de comparação entre a leitura do

romance e da adaptação. Abre-se espaço para que os alunos exponham suas impressões de leitura, para que falem qual texto, seja pelo tema ou pela construção, exigiu maior nível de reflexão, e após ponderar, qual gerou mais satisfação. É uma oportunidade para falar também sobre o comportamento de cada leitor diante das obras, quais métodos utilizaram para superar as dificuldades de leitura, se fizeram pesquisas e quais foram, que assuntos ou elementos da narrativa ainda oferecem dificuldades. Segundo Bordini e Aguiar (1988), é o momento oportuno para os alunos “verificarem que conhecimentos escolares ou vivências pessoais, em qualquer nível, do religioso ao político proporcionaram a eles facilidade de entendimento do texto e/ou abriram-lhes caminhos para atacar os problemas encontrados” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 89). O ideal é que, na discussão, os alunos lancem mão de todas as anotações que realizaram durante o processo de leitura e que haja a retomada constante dos textos das etapas anteriores.

A última etapa consiste na *ampliação do horizonte de expectativas*. É quando ocorrem as reflexões sobre as relações entre vida e leitura/literatura: “Tendo percebido que as leituras feitas dizem respeito não só a uma tarefa escolar, mas ao modo como veem seu mundo, os alunos, nessa fase, tomam consciência das alterações e aquisições, obtidas através da experiência com a literatura” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 90). Assim, eles perceberão que suas exigências como leitores tornaram-se maiores e que estão mais aptos a lidar com o desconhecido. À medida que essa tomada de consciência acontece, o papel do professor é sugerir novas leituras, cada vez mais complexas, para que os horizontes de expectativas desses alunos continuem se alargando em espiral, contribuindo para a formação de leitores emancipados.

Para finalizar essa etapa, uma sugestão é que os alunos sejam divididos em grupos e, de forma livre, elejam um capítulo da obra de Milton Hatoum para adaptar ao gênero de escolha do grupo, que pode ser em forma de quadrinhos, de poema, de vídeo. Esse processo dá visibilidade à produção dos alunos e contribui para que eles, e o próprio professor, tenham novas ideias de como recomençar todo o processo do método recepcional de acordo com os novos interesses. Dessarte, os alunos/leitores tornam-se agentes de aprendizagem na continuidade desse processo que estará sempre se reiniciando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado ao longo deste texto, a literatura desenvolve um papel extremamente importante na formação humana do indivíduo, constituindo um direito de todos. É, portanto, papel da escola, como espaço propício de aprendizagem, garantir, por meio das políticas públicas de incentivo à leitura, que esse direito seja cumprido. Entretanto, para que a experiência com a literatura seja significativa, o professor precisa ser mediador, o que só acontecerá se ele for também um leitor, visto que um professor que não lê não tem repertório de leitura nem condições de negociar com os diferentes gostos de seus alunos ou de indicar-lhes obras que os estimulem a ler. Assim, em vez de exigir leituras, o professor deve compartilhar sua “felicidade de ler”, pois, “se a relação do professor com o texto não for significativa, se não houver interação entre ambos, a sua atuação como mediador de leitura fica comprometida” (BURLAMAQUE, 2006, p. 83).

Para Cosson (2009, p. 62), “a leitura escolar precisa de um acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento”. Portanto, uma mediação efetiva é aquela em que a leitura literária, além da fruição, desenvolve a competência leitora dos alunos, colabora para sua emancipação, estimula-os a criar mecanismos para vencer a passividade que a leitura pedagógica prega na escola e, conseqüentemente, a agir no mundo tornando-se mais autônomos.

A sugestão de aplicação didática, tendo em vista o método recepcional aqui apresentado, permite refletir a respeito de como a literatura caminha em constante diálogo com outras formas de manifestações artísticas. As adaptações são, então, uma forma de diálogo direto entre o texto literário e um meio de produção artística que o re(cria), utilizando novos recursos que vão além das páginas escritas dos livros, considerando aspectos visuais como parte da leitura. Logo, é importante acompanhar essas tendências, já que elas já fazem parte do cotidiano dos alunos e do novo perfil de leitores contemporâneos.

Por fim, o texto, como matéria, não é objeto neutro e está vinculado às práticas sociais de determinada sociedade; as palavras e as imagens trazem representações do mundo social, traduzindo as perspectivas e os interesses a serem apreendidos pelos leitores. Por conseguinte, o texto literário é livre para (re)criar fatos, momentos históricos, emoções, o mundo em si; e quando o faz,

liberta o sujeito da experiência coisificante por permitir que haja uma reorganização simbólica mais livre das pressões reais. Dessa forma, promove o refinamento do conhecimento do sujeito e o alargamento das possibilidades da experiência humana.

Dois irmãos: novel and comics in the classroom

Abstract

In face of the need to discuss media and new ways of thinking in literature, this article suggests, from novel *Dois irmãos*, by Milton Hatoum (2000), and his homonymous adaptation to comics, by Fábio Moon and Gabriel Bá (2015), a reflection about adaptations (HUTCHEON, 2011) and their use in the classroom, based mainly in the receptive method (BORDINI; AGUIAR, 1988), and the literary literacy by Magda Soares (2006) and Rildo Cosson (2009). In addition, it aims to highlight the relevance of the teacher's work as a mediator able to understand and use the new media in basic education.

Keywords

Adaptation. Receptive method. Literary literacy.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A morte do autor. In: BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 66-70.

BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z. T.; TIETZMANN, V. M. S. (org.). *Leitor formado, leitor em formação: literatura em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 79-91.

CANCLINI, N. G. *Leitores, espectadores e internauta*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FERNANDES, C. R. D. *Leitura, literatura infanto-juvenil e educação*. Londrina: Eduel, 2013.
- FERNANDES, C. R. D. A seleção de obras literárias para o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE 2006-2014. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 51, p. 221-244, maio/ago. 2017.
- HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HUTCHEON, L. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- JAUSS, H. R. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- MOON, F.; BÁ, G. *Dois irmãos*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2015.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, M. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. (org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-48.